

JOGO DO PODER

# ACM cobra apoio de FH para presidir Senado



Roseana, ao lado do presidente e de Sarney, em São Luís: defesa do segundo mandato em discurso

Senador do PFL quer que presidente o ajude na disputa com concorrente do PMDB, Íris Rezende

RICARDO AMARAL  
e EDSON LUIZ

**B**RASÍLIA — Ao final de uma semana repleta de crises, o presidente Fernando Henrique Cardoso foi praticamente convocado a se envolver diretamente na disputa entre o PMDB e o PFL pela presidência do Senado. O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) cobrou ontem o apoio do presidente a sua candidatura contra o senador Íris Rezende (PMDB-GO). "Eu ficaria muito feliz se a preferência dele fosse eu", disse Magalhães. A disputa pelo Senado está rachando a base governista e foi contaminada pelas denúncias contra o relator-geral da Comissão Mista de Orçamento, Carlos Bezerra (PMDB-MG).

Acusado, por uma comissão da Câmara, de ter manipulado rubricas do Orçamento, Bezerra é aliado de Íris e do atual presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), que já saiu em sua defesa. "A acusação é uma irresponsabilidade da comissão da Câmara", disse Sarney. Dessa forma, Planalto e cúpula do PMDB trabalham contra a instalação de uma CPI do Orçamento que investigaria Bezerra. A aliança, no entanto, termina aí, pois o partido não abre mão da presidência do Senado.

O governo também tem problemas com o PPB, por causa da quebra de sigilo em contas de parlamentares no Banco do Brasil. O PTB está rebelado desde que seu líder, Pedrinho Abrão (GO), foi acusado pelo ministro Gustavo Krause de cobrar propina. A conjunção de crises ameaça o cronograma da reeleição, que, pelos planos iniciais, deveria ser aprovada na Câmara durante a convocação extraordinária de janeiro.

Acompanhando o presidente numa solenidade em Palmas (TO), Antônio Carlos lembrou ter dado apoio a Fernando Henrique na campanha de 94: "Não me lembro se o outro candidato o apoiou." Na verdade, Íris apoiou o candidato do PMDB, Orestes Quércia, cujo vice era a mulher dele, também chamada Íris.

**Sem atrapalhar** — "O presidente da República sabe que não vou atrapalhar seu governo", reforçou Antônio Carlos. "Vou dar a respeitabilidade que o Senado precisa e que o presidente Sarney tem dado a ele."

"Votarei no candidato do meu partido", disse Sarney, mas Antônio Carlos não tomou a declaração ao pé da letra. "Sarney será um magistrado nessa eleição." O apoio de dissidentes do PMDB é fundamental para a candidatura do pefelista.

Mais importante, no entanto, seria uma contribuição direta do PSDB, que tem 11 votos no Senado. Segundo Antônio Carlos, as negociações com os tucanos "vão bem, porque eles entendem que cada Casa deve ser governada (sic) por um partido e o PMDB vai ter a presidência da Câmara e, portanto, nós, do PFL, devemos ter o Senado."

Ele deixou no ar a ameaça de que o PFL relance a candidatura do líder Inocêncio Oliveira (PFL-PE) à presidência da Câmara, contra Michel Temer (PMDB-SP). "Quando não se cumpre a palavra de um lado, não se cumpre do outro", disse, referindo-se a um suposto acordo de divisão das presidências do Legislativo entre os dois partidos governistas.